

As ciências sociais e humanas e a pandemia de COVID-19

The social and human sciences and the COVID-19 pandemic

Everardo Duarte Nunes (<https://orcid.org/0000-0002-2285-7473>)¹

Abstract *This paper addresses the challenges the social and human sciences face in the COVID-19 epidemic/pandemic. This review refers only to a few aspects, approaching the so-called Ginzburg evidential paradigm by stating that “reality is opaque; there are privileged areas – signs, indications – that make us decipher it”. In general, research in the social and human sciences focused on the health crisis is fundamental: First statement: both in the disease spread period and the post-pandemic period. Second statement: the epidemic is not restricted to a viral event.*

Key words *Social and human sciences, COVID-19, Epidemic*

Resumo *O artigo aborda os desafios enfrentados pelas ciências sociais e humanas na epidemia/pandemia de COVID-19. Esta revisão se refere somente a alguns aspectos, aproximando-se do chamado paradigma indiciário de Ginsburg ao enunciar que “a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”. De um modo geral, as pesquisas em ciências sociais e humanas voltadas para a crise sanitária são de fundamental importância – primeira afirmação: tanto no período de disseminação da doença como na pós-pandemia; segunda afirmação: a epidemia não se restringe a um evento viral.*

Palavras-chave *Ciências sociais e humanas, COVID-19, Epidemia*

¹ Departamento de Saúde Coletiva, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. R. Tessália Vieira de Camargo 126, Cidade Universitária Zeferino Vaz. 13083-887 Campinas SP Brasil. evernunes@uol.com.br

Tratar o tema da pandemia de COVID-19, mesmo recortando-o na perspectiva das ciências sociais e humanas, tornou-se um grande desafio.

Retome-se o alerta da ABRASCO (22/04/2020)¹:

Ao publicar a Portaria 1.122, em 19/03/2020, o Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) apresentou suas prioridades para projetos de pesquisa, de desenvolvimento de tecnologias e inovações (2020-2023), enfocando apenas as áreas tecnológicas e de inovação. No entanto, a Portaria 1.329, de 27/03/2020, alterou a portaria anterior e reconheceu a “característica essencial e transversal dos seus projetos de pesquisa [de humanidades e ciências sociais]”. Esse reconhecimento, todavia, não se traduz em ato, como verificado na chamada para “Pesquisas para enfrentamento da COVID-19, suas consequências e outras síndromes respiratórias agudas graves”. Nela, não há temas ou linhas de pesquisas que contemplem a investigação dos aspectos acima mencionados (grifo nosso).

Assinala que, este tipo de exclusão pode ter consequências gravíssimas para a adequada compreensão das consequências da pandemia de COVID-19. Com base em análises incompletas, imprecisas ou, até mesmo, equivocadas, o Estado brasileiro não terá condições de formular políticas públicas e implementar ações que sejam capazes de mitigar e reparar os danos provocados por esta pandemia¹.

O tema tornou-se desafiante porque, a partir dessa constatação, a movimentação em vários países, inclusive o Brasil, de cientistas sociais e de humanidades cresceu na produção científica. Particularizando a sociologia, Marzochi², em um dos primeiros ensaios brasileiros sobre o tema, afirma:

*A emergência da COVID-19, tomada como um novo fenômeno ecológico global, longe de pôr em questão os fundamentos da sociologia clássica, revela o quanto estes são relevantes para a compreensão da pandemia e orientação das condutas. A rápida disseminação entre populações humanas, em ambiente urbano e cosmopolita, de uma virose provavelmente originária, como tantas, de animais, leva-nos a retomar algumas noções fundantes da sociologia, como as de **fato social, totalidade social, consciência coletiva, representações coletivas e sensíveis, simbólico e imaginário, dualidade humana, fato social total, indistinção entre natureza e cultura**, entre outras (grifo nosso).*

Recorde-se que a questão não era desconhecida pelos sociólogos da saúde. Em 2013, Dingwall, Hoffman e Staniland³ perguntavam: “Why a so-

ciology of pandemics?”. Em número temático da *Sociology of Health & Illness*, os autores sintetizam que:

*As doenças infecciosas ressurgiram como uma ameaça à saúde pública em uma era cada vez mais globalizada, agregando atores transnacionais aos atores tradicionais do governo nacional e local. [...] Os colaboradores investigaram **a construção social de doenças novas e reemergentes; o desenvolvimento de sistemas de vigilância, governança de saúde pública; o impacto das modalidades científicas/técnicas sobre a incerteza e o risco, a interação das doenças infecciosas, as preocupações como saúde pública e a segurança nacional e as respostas do público e da mídia**. Os estudos de caso abrangem amplamente a América do Norte, Europa e Ásia e definem novas agendas para sociólogos médicos e formuladores de políticas de saúde pública (grifo nosso).*

Entre nós, o elaborado comentário de Grisotti⁴ conclui que, *O diagnóstico, as informações sobre a exposição ao risco e o tratamento dependem, cada vez mais, de fatores socioantropológicos. Por isso, sociólogos e antropólogos, através de suas peculiares ferramentas teóricas e metodológicas, detêm, muitas vezes, a chave para a explicação de padrões epidemiológicos particulares e para o auxílio na construção de uma consciência de interdependência, requerida para a governança global em saúde.*

Trata-se, portanto, de traçar interfaces para um conhecer que não se limite a uma história natural da pandemia, da maior importância, sem dúvida (neste momento, a nova cepa Delta, considerada a mais infecciosa, irá exigir novas investigações básicas), mas incompleta, especialmente na fase anterior à produção de vacinas, quando as medidas de proteção eram de caráter social e higienista.

Esta revisão se refere apenas a alguns aspectos, aproximando-se do chamado **paradigma indiciário** de Ginsburg⁵ ao enunciar que “a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”.

Em 2020, historiadores, economistas, geógrafos e sociólogos se juntaram para produzir um conjunto de artigos sobre os mais diversos aspectos da pandemia, salientando que *O termo “pandemia” entrou, definitivamente, para nosso vocabulário corrente. Ainda que em grego (“pan” = todo + “demos” = povo) a palavra não designasse, especificamente, uma doença, indicava aqueles eventos significativos para todo o povo*⁶.

Entre os temas, foram abordados: as doenças do espaço urbano, a epidemia de meningite

ocorrida no período da ditadura militar e temas sociais, como as desigualdades, sempre associadas ou fazendo parte do contexto das enfermidades, assim como a solidariedade que também acompanha os gestos populares de organizações da sociedade civil.

Primeira afirmação: de um modo geral, as pesquisas em ciências sociais e humanas voltadas para a crise sanitária são de fundamental importância tanto no período de disseminação da doença como na pós-pandemia. Segunda afirmação: a epidemia não se restringe a um evento viral. Cronologicamente, os primeiros registros na imprensa brasileira datam de janeiro de 2020 (notícia no jornal *Folha de S. Paulo* em 13 de janeiro).

Levantamento no banco de dados PubMed⁷ em 14 de julho de 2021 registra os seguintes resultados: COVID-19 and Social Sciences –

19.648; Anthropology – 992; Political Sciences – 1.237; Sociology – 9.580. Foram detectadas 93 revisões sistemáticas com diversas temáticas: impacto do isolamento, saúde mental, suicídio, ansiedade, solidão, vulnerabilidade (gênero, raça, classe social), fobia e medo, estigmatização.

Como já relatado não era intenção um estudo exaustivo. Sem dúvida, esse tipo de estudo deverá ser realizado visando uma perspectiva abrangente e sistematizada.

Em 2007, Barry, Hessel e Gualde⁸, no artigo “La gripe, une menace éternelle”, escreveram: *O conhecimento da história da gripe, uma doença milenar relativamente bem conhecida, é fundamental para tentar antecipar o início de uma próxima pandemia. Se não conseguimos evitar a COVID-19, precisamos estar preparados para o futuro.*

Agradecimentos

À professora Maria Cecília de Souza Minayo, pela sugestão, e ao CNPq (Proc. 303924/2019-5).

Referências

1. Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). Precisamos das Ciências Sociais e Humanas para compreender e enfrentar a pandemia de COVID-19 [Internet]. [acessado 2020 jul 27]. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/saude-da-populacao/nota-precisamos-das-ciencias-sociais-e-humanas-para-compreender-e-enfrentar-a-pandemia-de-covid-19/47225/>
2. Marzochi SF. A velha sociologia pós-pandêmica. *Boletim Coletividades* 2020; 10 jul.
3. Dingwall R, Hoffman LM, Staniland K. Why a sociology of pandemics? *Sociology of Health & Illness* 2013; 35(2):167-173.
4. Grisotti M. Pandemia de COVID-19: agenda de pesquisas em contextos de incertezas e contribuições das ciências sociais. *Physis* 2020; 30(2):e300202.
5. Ginzburg C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras; 1989.
6. Almico RCS, Goodwin Jr JW, Saraiva LF, organizadores. *Na saúde e na doença: reflexões da história econômica na época da COVID-19*. São Paulo: Hucitec; 2020.
7. PubMed. [acessado 2021 jul 14]. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/>
8. Barry S, Hessel L, Gualde N. La gripe, une menace éternelle. *CBMH* 2007; 24(2):445-466.

Artigo apresentado em 05/09/2021

Aprovado em 05/10/2021

Versão final apresentada em 07/10/2021

Editores-chefes: Maria Cecília de Souza Minayo, Romeu Gomes, Antônio Augusto Moura da Silva